

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA INTERFACE ENTRE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

ORIENTACIÓN PROFESIONAL SOBRE LA INTERFAZ ENTRE LA PSICOLOGÍA Y LA EDUCACIÓN: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA

PROFESSIONAL GUIDANCE ON THE INTERFACE BETWEEN PSYCHOLOGY AND EDUCATION: A LITERATURE REVIEW

Ladislau Ribeiro do NASCIMENTO¹

RESUMO: Este artigo expõe resultados de uma pesquisa sobre a prática de Orientação Profissional (OP) na interface entre Psicologia e Educação. Realizou-se uma revisão bibliográfica a partir do acesso às plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS – Psi). A partir do emprego do descritor Orientação Vocacional, constatou-se um total de 83 artigos, dos quais nove foram selecionados após a aplicação de critérios de inclusão e de exclusão. Priorizaram-se relatos de OPs praticadas na interface entre psicologia e educação. A OP mostrou-se potente para apoiar estudantes em processo de escolha profissional. Além disso, despontou como dispositivo estratégico para aproximar psicologia e educação de modo ético e político.

PALAVRAS-CHAVE: Orientação profissional. Educação. Psicologia escolar e educacional.

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de la investigación sobre la práctica de la Orientación Profesional (OP) en la interfaz entre psicología y educación. Se realizó una revisión bibliográfica desde el acceso a las plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO) y Biblioteca Virtual en Salud - Psicología (BVS - Psi). Del uso del descriptor de orientación vocacional, se encontraron un total de 83 artículos, de los cuales nueve fueron seleccionados después de aplicar los criterios de inclusión y exclusión. Se escogieron informes de OP practicados en la interfaz entre psicología y educación. La OP demostró ser poderosa para apoyar a los estudiantes en el proceso de elección profesional. Además, se ha convertido en un dispositivo estratégico para acercar la psicología y la educación de una manera ética y política.

PALABRAS CLAVE: Orientación profesional. Educación. Psicología Escolar.

ABSTRACT: This paper presents results of research on the practice of Vocational Guidance (VG) at the interface between Psychology and Education. A bibliographic review was made from the access to the platforms Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Virtual Health Library - Psychology (VHL - Psi). From the use of the Vocational Guidance descriptor, a total of 83 articles were found, of which nine were selected after applying the inclusion and

¹ Universidade Federal do Tocantins (UFT), Miracema do Tocantins – TO – Brasil. Professor do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciência e Saúde. Doutor em Psicologia Social (USP). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6980-706X>. E-mail: ladislaunascimento@uft.edu.br

exclusion criteria. Reports of VGs practiced at the interface between psychology and education were chosen. The VG proved to be powerful to support students in the process of professional choice. In addition, it has emerged as a strategic device for bringing psychology and education closer in an ethical and political way.

KEYWORDS: *Professional orientation. Education. School and educational psychology.*

Introdução

A OP tem sido realizada no Brasil em diferentes espaços e campos de atuação em psicologia. De acordo com Abade (2005), há pelo menos três ênfases recorrentes nos trabalhos, a saber: psicométrica, clínica e psicossocial, sendo as duas primeiras significativamente predominantes no cenário das práticas e dos estudos em OP.

A referida predominância justifica-se porque, historicamente, a OP esteve associada aos trabalhos realizados em consultórios ou colégios privados, destinados às camadas mais abastadas da sociedade. Em geral, serviços praticados nestes ambientes apoiam-se no uso de testes psicométricos, entrevistas individuais e noutros instrumentos voltados à mensuração de aspectos como interesses, motivações, habilidades e traços de personalidade (RIBEIRO, 2003).

Sob a perspectiva psicométrica, busca-se identificar aspectos individuais que sejam compatíveis com determinadas áreas de atuação profissional. Trata-se de uma abordagem que traz implícita a ideia de que devemos encontrar a pessoa certa para o lugar certo. Em geral, as estratégias enfatizam a dimensão individual dos sujeitos e não consideram os elementos sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais envolvidos no processo de escolha profissional.

A partir dos anos 1970, a OP ganhou espaço nas clínicas psicológicas, especialmente sob a influência da abordagem clínica proposta pelo psicanalista argentino Rodolfo Bohoslavsky. Realizadas com mais frequência em consultórios privados, por meio de atendimentos individuais, as orientações de abordagem clínica despontaram com a finalidade de apoiar adolescentes em momentos de crise, ansiedade e conflitos associados à escolha profissional (BOHOSLAVSKY, 1998).

Depois dos anos 1990, trabalhos expressivos marcaram a consolidação de práticas de abordagem sócio-histórica (BOCK; AGUIAR, 1995; BOCK, 2002). Naquele momento de mudanças importantes para a consolidação da democracia brasileira, a referida abordagem ampliou as possibilidades de acesso à OP.

Estratégias coletivas e criativas tornaram-se necessárias para a realização de intervenções praticadas em contextos empobrecidos. Temas como trabalho, carreira, formação

educacional e escolha profissional circularam em instituições escolares em virtude de ações desenvolvidas, sobretudo, sob a perspectiva grupal, com estudantes de escolas públicas (SOUZA *et al.*, 2009; NASCIMENTO; MACHADO, 2019).

Elementos associados aos domínios histórico e social ganharam relevância e espaço na realização de atividades e na produção de análises. De acordo com Bock (2002), a abordagem sócio-histórica reconheceu como principais objetivos da OP: conscientizar os participantes acerca dos determinantes históricos e sociais relacionados às suas narrativas e trajetórias de vida; problematizar preconceitos e naturalizações acerca de temas como escolha profissional, sucesso, carreira e formação, dentre outros; transformar a realidade social por meio do empoderamento e da emancipação frente às relações de poder e de dominação operadas na sociedade de classes.

A disseminação de práticas de OP no contexto escolar, vale observar, atende à Lei n. 9394 /96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que atribui às instituições escolares a incumbência de preparar indivíduos para o trabalho, além de cumprirem importante papel no desenvolvimento humano e na formação para a cidadania.

Em face destas responsabilidades atribuídas às instituições escolares, projetos promovidos na interface da psicologia com a educação propõem a transversalização da OP ao currículo escolar (LAMAS; PEREIRA; BARBOSA, 2008; BARBOSA; LAMAS, 2012). Mais recentemente, projetos e programas destinados à educação básica oferecida pelo sistema público de ensino recomendaram inclusão de disciplinas para abordar temas como trabalho, emprego e projeto de vida (BRASIL, 2009; BRASIL, 2019).

Contudo, conforme abordaremos adiante, por mais que mudanças significativas tenham sido implementadas frente às demandas pela ampliação do acesso à OP (LAMAS *et al.*, 2008), a hegemonia dos trabalhos baseados na aplicação de testes psicométricos, seguidos pelas técnicas de abordagem clínica (ABADE, 2005), sugere um longo caminho a ser trilhado.

Quando falamos sobre a oferta deste serviço para grupos historicamente negligenciados pela psicologia, devemos tomar cuidados éticos e epistemológicos para evitarmos a reprodução de práticas discriminatórias e excludentes sob a égide de um discurso científico influenciado pelos ideais de meritocracia vigentes na contemporaneidade.

Em contextos privilegiados dos pontos de vista econômico, social e cultural, serviços de OP são apoiados em abordagens tradicionalmente consolidadas no campo da psicologia. Substancialmente diferentes são os enfoques demandados pelos trabalhos promovidos em escolas públicas, frequentadas pelos segmentos populacionais socialmente desfavorecidos.

Em alguns contextos, escolher não é um verbo passível de corporificação em ações, especialmente no caso de jovens moradores de bairros periféricos, marcados pela opressão que viola direitos, estigmatiza, silencia, invisibiliza e exclui socialmente (CASTRO; BICALHO, 2013).

Assim sendo, cientes da importância da propagação das práticas de OP, principalmente para os públicos carentes de oportunidades para projetar seu futuro profissional de modo assertivo, acessamos artigos científicos com relatos de práticas realizadas em contextos escolares no intuito de identificar, analisar e refletir sobre seus alcances, limites e possibilidades.

Método

Realizamos uma revisão bibliográfica (LUNA, 1998; MARCONI; LAKATOS, 2004) sobre práticas de OP relatadas por meio de artigos científicos. Priorizamos ações concretizadas na interface da psicologia com a educação.

Procedimentos para a coleta de dados

A revisão foi alcançada pelo acesso às bases de dados SciELO e BVS – Psi, restringindo-se aos textos publicados entre os anos 2008 e 2018. O levantamento bibliográfico decorreu do emprego do descritor orientação vocacional.

Adotamos como critérios de inclusão: (1) relatos de intervenção; (2) trabalhos promovidos na interface entre psicologia e educação; (3) práticas associadas ao campo da Psicologia Escolar e Educacional. Excluimos: (1) ensaios e artigos teóricos; (2) práticas desvinculadas de processos formativos e educacionais; (3) ações efetuadas na área da Saúde.

Procedimentos de análise

Em um primeiro momento, efetuamos a leitura do título e do resumo de cada artigo localizado nas bases de dados consultadas. Em seguida, iniciamos os processos de inclusão e de exclusão com base nos critérios previamente estipulados. Finalmente, lemos integralmente os trabalhos selecionados e elaboramos sínteses dos relatos.

A leitura dos textos foi norteada pelas seguintes questões: Quais são as principais características das práticas de OP realizadas em contextos escolares? Qual é o público-alvo

presente em tais ações? Quais são os objetivos das intervenções? Qual é o referencial teórico predominante? Quais são os métodos recorrentes?

As sínteses foram organizadas em quadros contendo os seguintes elementos: (1) título do artigo; (2) objetivos; (3) abordagem teórica; (4) metodologia; (5) público-alvo; (6) resultados e discussão. Em seguida, agrupamos as referências e suas respectivas sínteses em função de semelhanças e diferenças entre os elementos supracitados.

Resultados e discussão

O levantamento resultou em um total de 83 artigos sobre OP. A partir do emprego dos critérios de inclusão e de exclusão, nove textos foram selecionados (vide tabela 1).

Tabela 1 - Referências selecionadas na revisão bibliográfica

Título	Periódico	Ano
Orientabilidade ao longo de um processo grupal com adolescentes: relato de uma experiência.	Revista Brasileira de Orientação Profissional.	2008
Orientação Profissional na escola: uma pesquisa com intervenção.	Revista Psicologia em Pesquisa.	2008
Oficina de orientação profissional em uma escola pública: uma abordagem psicossocial.	Psicologia: Ciência e Profissão.	2009
Re-escolha profissional: relato de experiência de orientação profissional com estudantes do Ensino Normal.	Contextos Clínicos.	2010
Meu lugar no mundo: relato de experiência com jovens em orientação profissional.	Revista Brasileira de Orientação Profissional.	2012
A orientação profissional como atividade transversal ao currículo escolar.	Estudos de Psicologia.	2012
A orientação profissional (OP) como elo entre a universidade e a escola.	Psicologia Argumento.	2012
Juventude, território, Psicologia e política: intervenções e práticas possíveis.	Psicologia: Ciência e Profissão.	2013
Oficinas de sensibilização às questões profissionais realizadas com estudantes do ensino médio de escola pública.	Psicologia Revista.	2016

Fonte: elaborada pelo autor

Os trabalhos foram submetidos aos procedimentos de análise e aparecem agrupados nas subseções expostas a seguir.

Abordagem psicossocial como estratégia para ampliar o acesso à OP

Nesta subseção, elencamos intervenções de abordagem psicossocial direcionadas a jovens estudantes matriculados no ensino médio. Em Lamas *et al.*, (2008), destacamos o investimento em atividades com potencial para disseminar, para um grupo de estudantes de uma escola pública, informações sobre diferentes profissões e áreas do conhecimento. A partir do uso de dinâmicas de grupo, músicas, frases e filmes sobre formação e trabalho, buscou-se conscientizar os participantes sobre a complexidade envolvida nos processos de escolha. As atividades englobaram a produção de reflexões e de análises críticas sobre os privilégios das classes mais abastadas versus a falta de oportunidades de acesso ao mundo do trabalho para as populações empobrecidas.

Na mesma perspectiva, Becker, Bobato e Schulz (2012) realizaram sessões de OP com estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do 2º ano do ensino médio. O trabalho foi desenvolvido nas dependências de uma empresa situada no Estado de Santa Catarina. O público-alvo das ações foi composto por adolescentes de classes média e baixa, filhos de funcionários da mesma empresa.

Por meio de atividades como dramatizações, dinâmicas de grupo, escritas autobiográficas e palestras sobre carreira, proferidas por funcionários da empresa onde o trabalho foi desenvolvido, as sessões buscaram promover: conhecimento de si; aprendizagens sobre diferentes áreas de conhecimento e de atuação profissional; e, finalmente, reflexões sobre influências importantes para os processos de escolha profissional. Na ocasião da intervenção, os participantes apontaram pais, amigos, professores e meios de comunicação como principais influências no processo de escolha profissional (BECKER *et al.*, 2012).

Em relação ao trabalho exposto em Becker *et al.*, (2012), destaca-se o fato de a intervenção não ter sido realizada em um ambiente escolar, como de costume. Além disso, salienta-se o contato dos participantes com relatos de profissionais de diferentes áreas de atuação.

Todavia, embora este trabalho tenha feito alusão à abordagem sócio-histórica como base teórica, a adolescência foi definida como fase natural do desenvolvimento. Não observamos quaisquer ponderações acerca dos determinantes históricos, sociais e culturais a ela associados. Vale salientar que, de acordo com o referencial sócio-histórico,

[...] a adolescência é vista como uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. [...] Estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência

enquanto fenômeno social, mas o fato de existirem enquanto marcas do corpo não deve fazer da adolescência um fato natural (BOCK, 2007, p. 68).

Esta crítica em relação à concepção tradicional de adolescência, identificada no relato de Becker *et al.*, (2012), também aparece nas análises de Ozella e Aguiar (2008). De acordo com estes autores, não obstante haja aspectos comuns entre adolescentes de distintas partes do mundo, devemos considerar diferenças de classe, gênero e etnia para afirmarmos a multideterminação dos processos de construção associados ao fenômeno que tem sido hegemonicamente chamado de adolescência.

Uma proposta alternativa para intensificar a ampliação de acesso à OP

Em Santos *et al.*, (2016), encontramos o relato de uma prática distinta de todas as outras acessadas neste estudo. O projeto mencionado pelos referidos autores propôs oficinas de sensibilização para estudantes na faixa etária entre 16 e 20 anos, matriculados em uma escola pública situada em um município do Rio Grande do Sul. As oficinas tiveram como objetivo identificar interesses e motivações dos participantes. Na mesma perspectiva, estimularam o exercício de práticas do conhecimento de si e do reconhecimento de influências importantes para os processos de escolha. Além disso, fizeram simulações e exercícios em preparação para a participação em processos seletivos para a ocupação de vagas de emprego.

Os referidos autores se apoiaram na perspectiva desenvolvimentista de Super (1963; 1990). Segundo relatado, aplicaram um questionário baseado na tipologia de Holland (1997), denominada RIASEC (Realista, Investigativo, Artístico, Social, Empreendedor e Convencional). O instrumento foi utilizado para promover nos participantes o reconhecimento das próprias habilidades e interesses para o desenvolvimento da carreira. Além disso, sugeriram um exercício voltado para a quebra de estereótipos sobre as profissões (LASSANCE, 1999), discutiram coletivamente a partir da escuta de objetivos e projetos de vida de alguns participantes. Em outro momento, solicitaram a produção de pesquisas acerca de profissões e áreas de formação e abordaram o conhecimento de si como estratégia para a tomada de decisão frente aos desafios da escolha. Por fim, reproduziram vídeos com dicas sobre como buscar informações a respeito de profissões de interesse e tomar decisões nos processos de escolha.

O referido trabalho mostrou-se relevante especialmente aos estudantes carentes de espaços de fala e de escuta, tão importantes ao desenvolvimento de recursos cognitivos e subjetivos necessários para a superação de desafios, tão frequentes nos momentos de escolha profissional. Entretanto, conforme analisado, a perspectiva teórica adotada não sustenta a crítica

necessária ao trabalho envolvendo pessoas das camadas empobrecidas. Pelo contrário, de acordo com o referencial desenvolvimentista utilizado para o embasamento da ação, a escolha profissional foi pensada como resultante de uma suposta fase natural do desenvolvimento. Naquela perspectiva, acredita-se na possibilidade de o jovem tomar decisões com base no acúmulo de vivências e nas influências recebidas no transcurso da vida a partir do contato com figuras de referência. Esta abordagem não atribui importância suficiente aos aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos envolvidos na relação entre indivíduos e o mundo do trabalho.

Experiências inovadoras em OP

Nesta subseção, apontamos duas práticas que se distinguem das demais em virtude do formato e dos objetivos elencados. A primeira relata uma ação voltada para a chamada “re-escolha profissional” (HOHENDORFF; PRATI, 2010). A segunda indica uma proposta de transversalização de temas abordados em OP no currículo de um colégio de aplicação vinculado a uma universidade federal situada no sudeste brasileiro (BARBOSA; LAMAS, 2012).

A primeira intervenção relatada elegeu como público um grupo de estudantes de nível técnico-profissionalizante matriculados em um curso normal superior (magistério). Considerando o fato de a maioria ter ingressado naquele curso relativamente cedo, quando estavam na faixa etária entre 14 e 15 anos, o trabalho acolheu dúvidas sobre escolha profissional. Além disso, os participantes foram sensibilizados acerca do peso que as decisões tomadas na juventude podem acarretar para a trajetória profissional.

O referido trabalho foi desenvolvido em seis encontros e pautou-se pelo uso de recursos como: dinâmicas de grupo, aplicação de uma escala para aferir grau de maturidade para a escolha profissional (NEIVA, 1999), discussão sobre o termo “escolha”, dramatização sobre relações entre participantes e familiares nas situações demandantes de decisão e, comentários sobre a importância de familiares e responsáveis naquela fase em que os participantes se encontravam.

Durante a intervenção, participantes aproveitaram espaços de diálogos, reflexões e trocas de experiências para se queixarem das pressões sofridas na relação com familiares, que exigiam continuidade na área de educação, uma vez que aquele curso preparava docentes. Houve quem estivesse matriculado exclusivamente em função do desejo dos pais ou de outros familiares (HOHENDORFF; PRATI, 2010).

A experiência relatada em Barbosa e Lamas (2012), por sua vez, mostrou-se inovadora pelo fato de ter inserido temáticas de OP como elemento transversal no currículo de um colégio

de aplicação. A ação teve duração de dois meses e contou com apoio de coordenadores e professores de diferentes disciplinas. As atividades planejadas foram inspiradas em propostas baseadas nas abordagens sócio-histórica (BOCK, 2002), desenvolvimentista (SUPER, 1963, 1990) e clínica (BOHOSLAVSKY, 1998).

Os autores relataram a realização das seguintes ações: semana das profissões, abarcando palestras e exposições sobre diferentes áreas profissionais; inserção de temas sobre formação e trabalho em disciplinas de diferentes áreas do conhecimento; exibição de filmes para relacionar escolha profissional com gênero, condições socioeconômicas e influências exercidas por familiares e pessoas importantes no cotidiano social de cada um; rodas de conversa, reflexões e debates sobre mundo do trabalho.

Segundo Barbosa e Lamas (2012) o projeto cooperou para a melhoria das relações entre professores e alunos, na medida em que aproximou teoria e prática, conhecimento e realidade. Às instituições, recomendou-se a busca de parcerias com empresas e lideranças comunitárias, dentre outras referências importantes ao suporte social de jovens em fase de decisão pelas áreas de formação e de atuação profissional. Contudo, os pesquisadores lamentaram o fato de professores estarem firmemente presos aos programas e planos de ensino, cerceados pelos limites de tempo impostos pelos currículos, invariavelmente repletos de conteúdos associados às disciplinas tradicionais (BARBOSA; LAMAS, 2012).

Intervenções de abordagem clínica em contextos escolares

A despeito de as práticas de OP realizadas em contextos escolares estarem na maioria das vezes situadas no campo das intervenções de abordagem psicossocial, constatamos duas experiências classificadas como sendo de orientação clínica (SELIG; VALORE, 2008; SILVA; FARIA; FOCHEATO, 2012).

Em Selig e Valore (2008), atendimentos grupais foram realizados nas dependências de uma universidade pública. Um grupo formado por sete estudantes, sendo um proveniente de colégio particular e seis de escola pública, participou de encontros semanais durante dois meses, cada um com duas horas de duração. As atividades desenvolvidas incluíram: dinâmicas de grupo e jogos; produção de desenhos, colagens e escritas autobiográficas; autoaplicação de questionários; pesquisas em guias; entrevistas com profissionais de diferentes áreas, para conhecimento das mais diversas possibilidades de atuação profissional.

De acordo com Selig e Valore (2008), o referido trabalho foi ancorado na abordagem clínica, conhecida, sobretudo, a partir do trabalho de Bohoslavsky (1998), conforme exposto na

Introdução. Segundo Bohoslavsky (1998), a orientação profissional de abordagem clínica destina-se à criação de possibilidades para que indivíduos enfrentem anseios, angústias e medos, dentre outras dificuldades associadas aos processos de escolha profissional. Volta-se para a investigação da personalidade de quem escolhe, incluindo conflitos e ansiedades frente à situação de escolha. Busca-se como resultados a promoção de aprendizado da escolha, o conhecimento de si e do mundo ocupacional.

Nesta perspectiva, considera-se a prontidão dos indivíduos para os processos de orientação. Em outras palavras, entende-se que o envolvimento no processo se faz possível apenas quando se tem condições psíquicas para tal. Deste modo, o chamado grau de “orientabilidade” (BOHOSLAVSKY, 1998) indica se uma pessoa necessita de orientação profissional ou se o caso sugere encaminhamento para outra modalidade de intervenção psicológica.

Efetuuou-se, portanto, leitura clínica de falas de adolescentes, antes e depois do processo de OP (SELIG; VALORE, 2008), para identificar a orientabilidade dos participantes para envolvimento naquela ação. Num segundo momento, a análise teve a finalidade de verificar efeitos da prática. O material de análise incluiu as expectativas de cada participante frente ao trabalho, bem como a qualidade do vínculo com as tarefas realizadas e as maneiras de cada um lidar com a problemática vocacional.

Vale observar que, embora a referida abordagem seja historicamente praticada em consultórios particulares, por meio de atendimentos individuais, tendo como público privilegiado pessoas provenientes das classes alta e média, neste caso elegeram-se, para a participação na proposta de orientação, estudantes de um grupo social desfavorecido.

Em Silva *et al.*, (2012), encontramos análises sobre o potencial de práticas de orientação profissional de abordagem clínica como recurso para formar e preservar o elo entre universidade e escola. As referidas autoras apresentaram um balanço de diversas práticas realizadas no âmbito de um projeto de extensão promovido por uma instituição de ensino superior da iniciativa privada.

O projeto de extensão atendeu um total de 121 estudantes de diferentes séries do ensino médio, com idades entre 15 e 20 anos, em instituições de ensino públicas e privadas (SILVA *et al.*, 2012). Cada proposta de orientação foi concretizada a partir de uma quantidade média de dez encontros (SILVA *et al.*, 2012).

As ações incluíram atividades lúdicas, aplicação de escala para mensuração de grau de maturidade para a escolha profissional, teste para avaliação de tipos de personalidade, dramatizações, técnicas projetivas, entrevistas semidirigidas, produção de árvores

genealógicas, aquisição de conhecimento sobre diferentes ocupações e realidades profissionais, além da produção de cartas endereçadas aos membros das equipes de execução do projeto, utilizadas como recurso de avaliação e de encerramento dos processos.

De acordo com relato de Silva *et al.*, (2012), as ações alcançaram resultados como: amadurecimento em relação à escolha profissional e resolução de dúvidas frente às diferentes opções de cursos de nível superior.

Salienta-se, todavia, que, não obstante Silva *et al.* (2012) tenham versado sobre uma intervenção de abordagem clínica, nota-se a evidente integração de técnicas e estratégias de outras abordagens. Apontamos aqui para o fato de a perspectiva clínica de Bohoslavsky (1998) trazer a ideia de que a escolha profissional depende da compreensão e da elaboração de dilemas emergentes no processo de escolha. Nesta perspectiva, busca-se compreender as características de cada indivíduo em processo de escolha. Esta abordagem, portanto, não seria a mais apropriada para as práticas envolvendo grupos.

Resistência e re-existência em contextos empobrecidos

Dentre os artigos selecionados, dois expuseram objetivos pertinentes às perspectivas em que a OP é explicitamente definida como estratégia voltada para a transformação da realidade social (SOUZA *et al.*, 2009; CASTRO; BICALHO, 2013).

Souza *et al.*, (2009) elegeram como público-alvo estudantes do terceiro ano do ensino médio matriculados em uma escola pública da região metropolitana de Vitória – ES. Onze alunos foram envolvidos em atividades que enfatizaram discussões sobre o cotidiano escolar. A seguinte questão norteadora fora lançada: “Quais são os principais fatores que levam os estudantes a gostar da escola, a gostar de estudar?” (SOUZA *et al.*, 2009, p. 419). A partir de então, moderadores promoveram problematizações sobre concepções naturalizadas associadas aos papéis de professor e de aluno. Além disso, relações de dependência produzidas e reproduzidas na relação professor-aluno estiveram no centro de discussões que interseccionaram cotidiano, formação e mundo do trabalho.

Os autores destacaram o fato de os participantes terem demonstrado demasiada vontade de falar sobre o cotidiano escolar, especialmente nos três primeiros encontros. Souza *et al.* (2009) reconhecem a relevância deste dado, pelo fato de compreenderem o silenciamento como uma dentre as diferentes expressões das estratégias de controle e de adestramento frequentes nos espaços escolares. Durante os encontros, estudantes expuseram queixas sobre a qualidade

do ensino, ao mesmo tempo em que refletiram sobre os significados das escolhas profissionais em meio aos impasses determinados social, econômica, familiar e pessoalmente.

No trabalho de Castro e Bicalho (2013), o público-alvo foi um grupo de jovens moradores de uma comunidade localizada no subúrbio do Rio de Janeiro. Matriculados em um cursinho pré-vestibular popular vinculado a um projeto social e comunitário, participaram de entrevistas individuais e de práticas de intervenção em grupo. De acordo com o relato, os participantes foram incentivados a problematizarem os processos de escolha e os modos de existência engendrados no território onde foi realizada a chamada “análise do vocacional” (CASTRO; BICALHO, 2013, p. 117).

Ao longo de encontros semanais realizados durante um semestre, moderadores propuseram rodas de conversa e mediaram diálogos sobre a trajetória de vida de cada jovem. Neste percurso, participantes foram envolvidos em discussões por meio das quais a escolha profissional foi tratada como processo, em contraposição à concepção hegemônica que a classifica como sendo uma decisão única, estritamente baseada em motivações pessoais. Durante a intervenção, colocou-se em análise o verbo escolher, levando-se em consideração as privações e limitações decorrentes da marginalização social, econômica e educacional daquela população (CASTRO; BICALHO, 2013).

Os participantes puderam desconstruir preconceitos sobre a própria comunidade, geralmente classificada como espaço permeado pela indolência e pela suposta falta de iniciativa de seus membros para a superação da pobreza. O questionamento de ideais meritocráticos, que ocultam contradições presentes na realidade social, acompanhado de problematizações sobre outros aspectos daquela realidade, provocou rupturas nos modos de pensar, agir e sentir daqueles jovens (CASTRO; BICALHO, 2013).

A despeito de haver diferenças epistemológicas e teórico-metodológicas entre as práticas mencionadas nesta subseção, ambas sugerem a aplicação da OP como estratégia interventiva com potencial para transcender os limites da prática, ao valorizar elementos sociais, históricos, políticos, econômicos e institucionais no escopo de seus respectivos projetos. Estes elementos são entendidos como fatores cruciais aos processos de escolha e à tomada de decisão em relação à carreira profissional.

Considerações finais

Este estudo corrobora a relevância da OP enquanto estratégia de ampliação de acesso aos saberes e fazeres da psicologia. Além disso, mostra-se vital para o estabelecimento das imprescindíveis conexões entre psicologia e educação.

As práticas relatadas nos artigos analisados nesta pesquisa mostraram-se relevantes dos pontos de vista social e científico, na medida em que buscaram acolher pessoas historicamente excluídas dos serviços de OP.

Por fim, acreditamos na possibilidade de fortalecermos o encontro entre psicologia e educação a partir da realização de ações de OP mais abrangentes, inclusivas, capazes de valorizar a multiplicidade e a pluralidade nos contextos educativos, especialmente nos espaços atingidos pela precarização estrutural e/ou material, características de um modelo educacional carente de políticas públicas e de práticas emancipatórias.

REFERÊNCIAS

ABADE, F. L. Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 6, n. 1, p. 15-24, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000100003. Acesso em: 02 jul. 2019.

AGUIAR, K. F; ROCHA, M. L. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicologia ciência e profissão**, v. 27, n. 4, p. 648-663, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932007000400007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12 jul. 2019.

BARBOSA, A. J. G; LAMAS, K. C. A. A orientação profissional como atividade transversal ao currículo escolar. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 461-468, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2012000300015&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 04 abr. 2019.

BECKER, A. P. S; BOBATO, S. T; SCHULZ, M. L. C. Meu lugar no mundo: Relato de experiência com jovens em orientação profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 13, n. 2, p. 253-263, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902012000200012&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 19 maio 2019.

BOCK, A. M.; AGUIAR, W. M. Por uma prática promotora de saúde em Orientação Vocacional. In: BOCK, A. M. *et al.*, (Org.). **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 9-24, 1995.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 63-76, 2007. Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007. Acesso em: 12 jul. 2019.

BOCK, S. D. **Orientação profissional**: a abordagem sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2002.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional**: a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 27 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n. 971, de 09 de outubro de 2009**. Institui o Programa Ensino Médio Inovador. Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/port_971_09102009.pdf. Acesso em: 02 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 05 jul. 2019.

CASTRO, A. C; BICALHO, P. P. G. Juventude, território, Psicologia e política: intervenções e práticas possíveis. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 33, n. esp., p. 112-123, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000500012&lng=en&tlng=pt. Acesso em: 07 jul. 2019.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo, SP: 34, 1992.

HOLLAND, J. L. **Making vocational choices**: a theory of vocational personalities and work environments. 3. ed. Odessa: Psychological Assessment Resources, 1997.

LAMAS, K. C. A; PEREIRA, S. M; BARBOSA, A. J. G. Orientação Profissional na escola: Uma pesquisa com intervenção. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v2n1/v2n1a08.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019.

LASSANCE, M. C. Reflexões em defesa da teoria na prática da OP. **Revista da ABOP**, v. 3, n. 1, p. 69-76, 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-88891999000100006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 06 set. 2019.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1998.

MACHADO, A. M; ALMEIDA, I. E; SARAIVA, L. F. O. Rupturas necessárias para uma prática inclusiva. In: ANACHE, A. A.; SILVA, I. R. (Orgs.). **Educação inclusiva**. Brasília, SP: Conselho Federal de Psicologia, 2009. p. 21-35.

MARCONI, M. D. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004. Volume 4.

NASCIMENTO, L. R; MACHADO, I. N. S. Orientação profissional no ensino público: relato de uma experiência. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 18, p. 283-290, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1806>. Acesso em: 05 set. 2019.

NEIVA, K. M. C. **Escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP)**. São Paulo: Vetor, 1999.

OZELLA, S; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 97-125, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a05v38n133>. Acesso em: 05 set. 2019.

RIBEIRO, M. A. Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 4, n. 1-2, p. 141-151, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100012. Acesso em: 05 ago. 2019.

SANTOS, A. S. *et al.* Oficinas de sensibilização às questões profissionais realizadas com estudantes do ensino médio de escola pública. **Psicologia Revista**, v. 25, n. 1, p. 151-172, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/29615>. Acesso em: 05 set. 2019.

SELIG, G. A; VALORE, L. A. Orientabilidade ao longo de um processo grupal com adolescentes: relato de uma experiência. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 9, n. 2, p. 127-140, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902008000200011&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 29 maio 2019.

SILVA, M.; FARIA, R.; FOCESATO, I. A. A orientação profissional (OP) como elo entre a universidade e a escola. **Psicologia Argumento**, v. 30, n. 68, 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19757>. Acesso em: 05 jul. 2019.

SOUZA, L. G. S, *et al.* Oficina de orientação profissional em uma escola pública: Uma abordagem psicossocial. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2, p. 416-427, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200016&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 29 jul. 2019.

SUPER, D. E. Vocational development in adolescence and early adulthood: Tasks and behaviors. *In*: SUPER, D. E.; STARISHEVSKY, R.; MATLIN, N.; JORDAAN, J. P. (Eds.). **Career development: Self-concept theory: Essays in vocational development**. New York: Teachers College, Columbia University, p. 79-93, 1963.

SUPER, D. E. A life-span, life-space approach to career development. **Journal of Vocational Behavior**, v. 16, n. 3, p. 282-298, 1980.

VON HOHENDORFF, J.; PRATI, L. E. Re-escolha profissional: relato de experiência de orientação profissional com estudantes do Ensino Normal. **Contextos Clínicos**, v. 3, n. 1, p. 51-61, 2010. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822010000100006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 maio 2019.

Como referenciar este artigo

NASCIMENTO, L. R. do. Orientação profissional na interface entre psicologia e educação: uma revisão de literatura. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 22, n. 1, p. 5-20, jan./jun., 2020. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v22i1.13214>

Submetido em: 08/01/2020

Revisões requeridas em: 31/03/2020

Aceito em: 20/04/2020

Publicado em: 01/06/2020